

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15942 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 24 - GE Educação e Povos Indígenas

“QUANDO CAMINHAMOS JUNTOS, O CAMINHO NÃO TEM FIM”: A CONVIVIALIDADE NA PERSPECTIVA DO TEKOPORÃ COMO FUNDAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Márcia Luísa Tomazzoni - PPGEDU/UFRGS

**“QUANDO CAMINHAMOS JUNTOS, O CAMINHO NÃO TEM FIM”: A CONVIVIALIDADE NA PERSPECTIVA DO TEKOPORÃ COMO FUNDAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**

**RESUMO:** São mais de cinco séculos de resistência dos povos indígenas no Brasil, fato que deveria nos trazer uma indagação profunda acerca de como é possível, após tantas violências e violações de diferentes ordens, mortes, estupros, tentativas de apagamento pela imposição da cultura colonizadora europeia, pela língua portuguesa, pelo modo de vida e, especialmente pela religião, que estes povos mantenham vivos seus modos de vida. Os Mbyá Guarani mantêm seu idioma materno, sua espiritualidade e conhecimentos ancestrais, apesar dos constantes ataques da sociedade não indígena, devido ao colonialismo e ao racismo estrutural. O que apresento neste texto é parte da pesquisa de doutorado - em andamento -, propondo um diálogo coletivo sobre o fruto da com-vivência com comunidades Mbyá Guarani, buscando a compreensão da convivialidade. O trabalho também se assenta em estudos que oportunizam expandir a compreensão da educação que compõem o Teko Porã e com a qual podemos aprender, contribuindo com a educação escolarizada da sociedade branca, no sentido de torná-la intercultural e antirracista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Indígena. Convivialidade. Teko Porã. Interculturalidade. Educação Mbyá Guarani.

A sociedade brasileira é perpassada pelo racismo estrutural que decorre de séculos de colonização e colonialidade. Em geral este racismo não é identificado na relação com os povos indígenas, porém é importante ressaltar que estes sofrem, também, com as mazelas de uma discriminação da sociedade majoritariamente branca, que os veem como povos que deveriam se “enquadrar” no modelo de civilização euronortecêntrica, que ainda ocupa majoritariamente os espaços de poder. Em minha pesquisa de doutorado que embasa este trabalho, me disponho a contribuir para a educação escolarizada branca, fazendo circular valores da educação Mbyá Guarani que a tornem mais convivial, intercultural e antirracista.

Primeiro, apresento as comunidades Mbyá Guarani que me concedem a oportunidade de profundo aprendizado por meio de “com-vivências” - a escrita desta forma é intencional para frisar que as vivências que tenho experienciado com essas comunidades: são vivências com, em “comum”, em “conjunto”. Em diferentes momentos da minha caminhada como educadora-pesquisadora tive oportunidade de com-viver com as comunidades Guajayvi (Charqueadas), Yvy Poty, (Barra do Ribeiro) e Pindó Mirim (Viamão), todas localizadas em

municípios do Rio Grande do Sul, Brasil.

Por segundo, apresento a noção conceitual de convivialidade, central na minha pesquisa, a partir das palavras do filósofo cubano Raúl Fornet-Betancourt (2018, 173):

A vida humana é convivência. Ninguém pode viver sua vida sem conviver; porém, por isso mesmo, é a convivência também o lugar que pode acabar com ou reduzir a um mínimo a vida dos que consideramos outros. Consciente disto, a filosofia intercultural propõe que o desafio radica precisamente em converter a convivência fática, o *factum* da convivência, numa experiência de convivialidade, entendendo por esta última esse processo lento de ir logrando um *ambiente de paz e amizade* em nossas relações sociais, políticas ou culturais; somente num ambiente assim podemos ressignificar a realidade histórica de nossos conflitivos mundos cotidianos tratando de convertê-los em mundos de proximidade que equilibram as diferenças com justiça e solidariedade.

Por terceiro, é necessário trazer para o diálogo as noções ou conceitos sobre educação e escola. Os Mbyá Guarani têm a sua educação própria e não necessitam de escolas no sentido de instituições estatais ou de qualquer órgão governamental para que se realize. Hoje necessitam de uma escola intercultural, específica e diferenciada, para aprender também a língua e/ou conhecimentos dos colonizadores, devido às condições de constante contato com a sociedade branca.

Nesse sentido, também para nós não indígenas, a interculturalidade pode ser uma possibilidade de encontrarmos com esta cosmovivência e prática de vida que têm suas raízes na ancestralidade. A interculturalidade, tanto como conceito como postura, se assenta na compreensão de simetria entre culturas, numa perspectiva de complementariedade. Contudo, o que predomina na história da humanidade é subjugação, colonização, escravização. A interculturalidade é um conjunto de condições na relação entre culturas que se afasta radicalmente disto. É a (re)aproximação, o aprendizado mútuo, a com-vivência que nos coloca no estar-juntos.

Mas como, na minha trajetória, fui tocada pelo caminhar-viver dos povos originários? Meu projeto começou traçando uma rota de encontro permanente entre escola não indígena e escola indígena, buscando construir um diálogo intercultural. Porém, seguindo afetivamente as reverberações desse movimento de águas na minha vida, segui o desejo de estar-junto aos Mbyá Guarani como educadora não indígena que atua na sua educação escolar. Em 2019, fui acolhida na Tekoá Guajayvi, onde lecionei por três anos na escola da comunidade. Desde então, tive o privilégio de aprender pelo convívio com o povo Mbyá a como ser uma educadora-filósofa que foi retirada da sua cegueira colonial. Compreendendo que, naquele espaço, a ancestralidade e o modo próprio de estar no mundo se materializam na sabedoria da forma amorosa como cada criança, cada homem e mulher Guarani se movem e com-vivem com a terra em que habitam.

Aprendi a levar o olhar centrado na escrita para a roda onde a xejary (avó, sábia

Guarani) contava as suas histórias para os mais jovens: entre as atividades que vivenciamos juntos, a prática pedagógica que destaco – uma ideia gestada em coletivo com os estudantes dos anos finais - foi o momento de conto das histórias tradicionais dos Mbyá - os “kaxo”. Os alunos foram me mostrando que a escola é espaço para a comunidade, para xs mais velhs, para o conhecimento indígena; é lugar de “guardar a cultura”. A partir dessa experiência, multiplicamos as ideias de registros do kaxo contado: crianças desenharam, pintaram, fizemos o registro em português da tradução realizada, com muita generosidade e esforço dos estudantes mais velhos.

Como a questão de pesquisa constituiu-se em meu sentipensar? Os conhecimentos Mbyá Guarani se materializam no cotidiano da escola da comunidade, seja pelos ensinamentos dxs professorxs indígenas, seja pela forma como os estudantes dão forma e ritmo à escola. Cito aqui, em específico, o aprender coletivo como característica de uma cultura que preserva seus conhecimentos a partir de uma rede ancestral de aprendizagem; na transmissão geracional dos conhecimentos ancestrais através da oralidade, no espaço da escola em que os estudantes mais velhos ensinam os mais jovens.

Como os conhecimentos Mbyá Guarani podem nos inspirar e nos mover a reformular os princípios que constituem o modelo educacional hegemônico, ditado pelo modelo de sociedade dominante, excludente e racista? Do que parte outra questão mais específica que guiará a pesquisa do doutorado: como a convivialidade, inerente à educação tradicional Mbyá Guarani e expressa no Teko Porã (Bem Viver), pode ser fundamento para um modelo de educação intercultural, inclusiva e antirracista para todxs?

Proponho, como foco de pesquisa, tecer um diálogo fundamentado na perspectiva Mbyá Guarani do Teko Porã - o bem-viver guarani - sobre o princípio da convivialidade. A partir desta disposição cosmológica que os Guarani mostram para a convivialidade com a Terra, com a construção de diálogos intraculturais e com a interculturalidade, proponho dialogar com este conceito presente em estudos de Ivan Illich e Raúl Fornet-Betancourt, pensadores críticos do modelo hegemônico de educação e de sociedade. A proposta é conectar saberes para pensar a educação, partindo dos conhecimentos Guarani.

Neste sentido, almejo aprender sobre o Teko Porã, sentipensar e com-viver com as comunidades e promover o princípio da convivialidade na perspectiva própria dos Mbyá, contribuindo com um importante movimento político-pedagógico de descolonização da educação. Tendo como horizonte a lei 11645/2008, que traz a obrigatoriedade de incluir na escola ocidental-moderna o estudo da história e cultura indígena, anseio buscar no protagonismo dxs professorxs, lideranças e autorxs indígenas formas de me aproximar da convivialidade como um dos princípios de revitalização da educação escolar branca.

Assim, o caminho da pesquisa pressupõe deslocamentos ao encontro da cultura Mbyá Guarani, ao realizar encontros periódicos na Tekoá Yvy Poty, na qual Santiago Franco é liderança e tem sido meu mestre nesta caminhada. Buscarei escutar e aprender ao vivenciar os

momentos junto à comunidade, procurando construir confiança, afeto e amizade no cotidiano das coisas simples, através das conversas e compartilhamento de experiências das nossas culturas. Me inspiro nos próprios deslocamentos que os Guarani fazem ao mostrarem sua postura intercultural e convivial, ao construírem modos de estar, presentes ao vivenciarem a nossa cultura. O que os Guarani têm a nos ensinar acerca da educação intercultural? O que a convivência na aldeia agrega para a compreensão da convivialidade? Que contribuições traz a convivialidade para a construção de uma educação intercultural, inclusiva e antirracista para todxs?

Nesse sentido, a pesquisa afirma o poder de transformação social por meio da educação, centrando nela o papel de promover no fazer educativo da educação básica a descolonização e a interculturalização de currículos e metodologias. Também através da produção e divulgação científica da temática indígena como possibilidade intercultural, uma vez que ainda persiste um vácuo na formação dxs educadorxs com relação aos povos indígenas, de suas existências, suas culturas e conhecimentos.

Referência:

FORNET-BETANCOURT, Raúl. Filosofia e espiritualidade em diálogo. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2018.